

**POSSÍVEIS E REAIS CONTRIBUIÇÕES DE ANE  
SØRENSDATTER KIERKEGAARD, NASCIDA LUND,  
À CULTURA OCIDENTAL –  
(UM ENSAIO CONTRA O MITO DO FILÓSOFO SEM  
MÃE)**

[POSSIBLE AND ACTUAL CONTRIBUTIONS OF ANE  
SØRENSDATTER KIERKEGAARD, BORN LUND, TO THE  
OCCIDENTAL CULTURE –  
(AN ESSAY AGAINST THE MYTH OF THE MOTHERLESS  
PHILOSOPHER)

Alvaro L. M. Valls

*Professor Titular da UNISINOS (aposentado da UFRGS). Pesquisador 1 B do CNPQ. Mestrado e Doutorado com M. Theunissen na Universidade de Heidelberg, Alemanha. Traduziu do dinamarquês vários livros de Kierkegaard e, do alemão, algo de Carl Schmitt, Adorno e Habermas. Membro da Sociedade Brasileira de Estudos de Kierkegaard (SOBRESKI).*

*(E-mail: alvaro.valls@gmail.com)*

Recebido em: 08 de março de 2018. Aprovado em: 09/03/2018

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

**Resumo:** O presente artigo, em forma ensaística, não pretende expor nenhuma teoria kierkegaardiana da educação. Antes se esforça por remover alguns mitos a respeito da própria educação de Kierkegaard, e para tanto busca basicamente enfatizar o lado saudável de uma figura materna – em geral ignorada ou menosprezada pelos comentadores. Além disso, denuncia preconceitos de interpretações dinamarquesas, alemãs, francesas e brasileiras.

**Palavras-chave:** Søren Kierkegaard. Ane Sørensdatter Kierkegaard. Georg Brandes. Casamento e procriação. Relações mãe/filho. Psicólogos e problemas psicológicos.

**Abstract:** The present article, in essayistic form, does not intend to expose any kierkegaardian theory of education. It rather makes an effort to remove some myths about Kierkegaard's own education, in order to which it tries basically to emphasize the sound, wealthy side of a maternal-figure – generally ignored or disdained by several commentators. Beyond, it denounces some prejudices of Danish, German, French and Brazilian interpretations.

**Keywords:** Søren Kierkegaard. Ane Sørensdatter Kierkegaard. Georg Brandes. Marriage and procreation. Mother/son relations. Psychologists and psychological problems.

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

*“Vom Vater hab ich die Statur  
Des Lebens ernstes Führen,  
Vom Mütterchen die Frohnatur  
Und Lust zu fabulieren”  
(J. W. GOETHE)<sup>1</sup>*

Sobre Søren Aabye Kierkegaard pesa um destino curioso: ele é um pensador que pode ser refutado sem ser lido, condenado sem ser ouvido, desprezado e ridicularizado a partir do ouvir-dizer. Uma das maiores cabeças filosóficas de nosso país explicou certa vez que não lia Kierkegaard porque este mesmo havia escrito “que não era filósofo...” Nosso colega, filósofo eminente e cidadão da Alemanha, nem se dera ao trabalho de verificar o resto da frase que estava citando: “... mas apenas um homem casado”, – o que evidentemente o obrigaria a pensar que a citação só podia provir de um pseudônimo (o Juiz Wilhelm, de *Ou – Ou II*), e não do próprio autor<sup>2</sup>.

A tradição de interpretá-lo forçando a barra, ou “violentando o fenômeno” – ao contrário do modo de estudo do “observador erótico” que ele propunha no primeiríssimo parágrafo de sua dissertação sobre a ironia<sup>3</sup> – é bastante antiga: já Georg Brandes (1842-1927), o primeiro talvez a publicar em alemão um livro sobre a vida e a obra dele, implantou um estilo

<sup>1</sup> “Do meu pai tenho a estatura / e o jeito sério de levar a vida / Da mãezinha a natureza alegre / e o gosto para contar estórias. “ (J. W. von Goethe, Xênias).

<sup>2</sup> “Sabes que nunca me fiz passar por filósofo... Em parte para te provocar um pouco... costume apresentar-me na qualidade de homem casado” (KIERKEGAARD, 2017, p. 181). No original: “Du veed, jeg har aldrig givet mig ud for Philosoph... Deels for at drille Dig lidt, ... pleier jeg at træde op som Ægtemand” (SKS 3, p. 166).

<sup>3</sup> *O Conceito de Ironia* (1991), primeiro parágrafo da Introdução: “O observador deve ser um erótico, nenhum traço, nenhum momento pode ser indiferente para ele; [...] Pois, se bem que o observador traga o conceito consigo, importa, mesmo assim, que o fenômeno não seja violentado, e se veja o conceito surgindo a partir do fenômeno” (KIERKEGAARD, 1991, p. 23).

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

de análise esquemática e viciada: a crítica biográfica-psicologizante. Para Brandes, podemos explicar Kierkegaard e sua obra (diagnosticando-o) a partir de três figuras: o pai melancólico, a noiva manipulada e torturada, e o jornal satírico *O Corsário*. Três influências traumatizantes, que teriam levado o genial escritor e crítico a desviar de rumo, idealizar uma religião desumana e perder seu realismo.

Georg Brandes é aquele intelectual dinamarquês que leva o mérito de ter sido o primeiro a divulgar em círculos universitários as ideias e as obras de Nietzsche, até então desdenhado pelos alemães, e Nietzsche o louva por isto. Nascido em Copenhague em 4/2/1842, Brandes residiu por vários anos em Berlim entre as décadas de 70 e 80, vindo a morrer em 1927, em Copenhague, como um crítico literário bastante renomado. Dele possuímos o famoso texto: *Nietzsche. Un ensayo sobre el radicalismo aristocrático* (BRANDES, 2004), que inclui no anexo a tradução da correspondência com Nietzsche. Ali se acha a importante sinalização de Brandes a Nietzsche sobre Kierkegaard, que podemos, para variar, copiar da tradução mexicana:

Existe un pensador escandinavo cuyas obras le interesarían mucho si pudiera leerlas en alguna traducción: pienso en Sören Kierkegaard (1813-1855), que es, según mi concepto, uno de los más profundos psicólogos del mundo. Un pequeño libro que escribí acerca de él no da imagen suficiente de su genial personalidad, porque es un panfleto polémico que fue realizado para paralizar su influencia. Creo que psicológicamente es lo más refinado que en mi vida he escrito (BRANDES, 2004, p. 102; Carta de Brandes a Nietzsche de 11/1/1888).

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

Como se sabe, Nietzsche respondeu em 19/2, de Nice, manifestando um propósito que infelizmente não conseguiria cumprir: “Pienso, al llegar a Alemania, empezar a trabajar en el problema psicológico Kierkegaard” (BRANDES, 2004, p. 104). O “pequeno livro”, do qual Brandes se orgulhava, embora reconhecendo seus limites polêmicos, tem muita responsabilidade pela degradação de Kierkegaard, de “um dos mais profundos psicólogos do mundo” (juízo que Jaspers endossará em várias edições da *Psicopatologia Geral*, na *Psicologia das Visões de Mundo* e em *Razão e Existência*), em um “problema psicológico”. – Em vez de aprender a análise psicológica com o genial observador da alma humana, muitos comentaristas começam a pesquisar os possíveis traumas de infância, as influências e as pressões negativas do pai melancólico sobre o espírito exacerbado do filho caçula, e coisas tais. A figura paterna tornou-se dominadora e absolutamente decisiva, enquanto a figura da mãe foi sendo completamente recalçada. Brandes intitulara seu livro: *Søren Kierkegaard: En Kritisk Fremstilling i Grundris* (*Søren Kierkegaard: Uma exposição crítica em linhas gerais*, Copenhague, 1877). Com 28 capítulos e uma introdução, valoriza muito os textos estéticos como o *Diário do Sedutor* e *In Vino Veritas*, e combate a religiosidade profunda do autor, que antes tanto impressionara o jovem Brandes, de origem judaica, que até chegara a pensar em se converter ao cristianismo. Para criticar as posições agora inaceitáveis, Brandes introduz um método biográfico-psicológico (que talvez estejamos nestas linhas aplicando contra ele mesmo).

O catálogo de J. Himmelstrup, *Søren Kierkegaard. International Bibliografi* (1962) traz a referência, sob o número 4478, da tradução para o alemão deste pequeno livro: *Søren Kierkegaard. Ein literarisches Charakterbild*.

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

*Autorisierte deutsche Ausgabe*, übers. v. Adolf Strodtmann, Leipzig 1879 (IV + 240 p.) A obra traduzida recebeu em seguida várias recensões, o que deve ter encorajado Brandes a publicar outros livros em alemão: os itens 4486, 4487 e 4488, com títulos como *Skandinavische Persönlichkeiten*, ou *Kierkegaard und andere skandinavischen Persönlichkeiten*, já no século XX. O enfoque é sempre, portanto, o das “personalidades”, ou seja, imagens do caráter, da psicologia, da individualidade destacada dos grandes escritores num mundo de figuras pequenas, niveladas e massificadas. Há que ressaltar ainda a importância para o livro de Brandes do tradutor Adolf Strodtmann. Ficaram muito amigos, em Berlim, um foi hóspede do outro, mais velho, e acabou ficando até com a esposa do anfitrião, num arranjo ótimo para todas as partes. Continuaram a colaborar, e enquanto Adolf, que fora prisioneiro de guerra na Dinamarca, publicava sobre a Escandinávia orientado por Brandes, este penetrava com ajuda de seu tutor nos círculos críticos e culturais alemães.

A partir daí, das contribuições do crítico literário e cultural G. Brandes, com suas análises relacionando psicologia e obra produzida, surge a tradição da imagem mítica, lendária, do sinistro Severino Campo-Santo (“Kierkegaard” = Cemitério), o descabelado pensador dinamarquês, genial, excêntrico, “hamlético”, desequilibrado, educado nos terrores de um cristianismo da cruz e do sangue vertido em favor dos pecadores, um ser humano criado totalmente guacho (como um terneiro sem mãe) por um melancólico ancião, de veras inteligente, mas remoído por um desmesurado sentimento de culpa. Um pai que teria sido um pecador desde menino, e que logo adiante enriquecera de maneira assombrosa, tivera um primeiro casamento infrutífero, imensamente vantajoso em termos financeiros (pelo

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

dote da noiva, irmã solteirona – com 36 anos – do sócio da firma: “Com um capital próprio de 568 táleres do banco real, Kirstine era um bom Partido”, conta J. Garff (2000, p. 4.)<sup>4</sup>, e que ao enviuar engravidara a mãe de Kierkegaard antes de casar com esta, ou talvez, quem sabe, até mesmo antes de enviuar (adúlteros! não teriam respeitado a pneumonia da esposa legítima)...

Já vimos escrito em teses de doutorado que Søren Aabye teria seus complexos psicológicos (angústias ou supostos desequilíbrios) por ter nascido uns 5 meses após o casamento dos pais (coisa bem difícil e até improvável, para um sétimo filho, parido 4 anos após o sexto irmãozinho, e 16 anos depois da irmã mais velha, já que Maren Kirstine era do 7/9/97, e Niels Andreas de 30/4/1809).

Quanta bobagem há nestas lendas! Nossa intenção aqui não é criar novas lendas diametralmente opostas a esses mitos. Nem demonstrar, por exemplo, que Søren deveu sua personalidade e sua obra à mãezinha analfabeta; longe de nós tal absurdo! Mas gostaríamos sim de relativizar tais mitos, colocá-los nos devidos lugares. Gostaríamos de iniciar aqui a remoção de alguns destes mitos, ou, pelo menos – e já nos bastaria – tentar levar os leitores a meditar melhor sobre a questão da relação da situação psicológica de um autor com sua obra. Diferenciar o autor psicólogo do escritor psicologicamente problemático! Para isto, queremos tentar ver, imaginar e entender as situações.

Só para adiantarmos um aperitivo: Kierkegaard tinha mãe, sim senhores, e se ele viveu 42 anos, até seus 21 anos (a exata metade de sua

---

<sup>4</sup> “Med en egenkapital på 568 rigsbankdaler var Kirstine et godt parti...”

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

vida, primeira e decisiva para a educação da personalidade) a mãe estava bem viva e dentro de casa, cuidando do marido e dos filhos. Fora uma pobre camponesa da Jutlândia, todos já ouviram dizer, mas em geral esquecemos de que o pai de Kierkegaard fora também, até os 12 anos, ou algo assim, um paupérrimo camponês dessa mesma Jutlândia. Topamos com uma daquelas “ilusões de óptica ou de acústica”, tão criticadas pelo filósofo, quando o professor honorário da Sorbonne Jean Wahl (que no dizer de Henri-Bernard Vergote “sabia tudo o que os alemães já haviam escrito”) escreve, escandalizado, preocupado com a cena pecaminosa, que “o velhote desposou a criada”, grávida! Uma ilusão acústica? Só precisamos de um pouco de ciência exata, da matemática mais elementar, para desmontar tais quiproquós.

**“O VELHOTE CEDEU À CARNE E TEVE DE CASAR COM SUA EMPREGADA...”**

Se Michael Pedersen Kierkegaard nasceu em 12/12/1756 e seu sétimo filho em 5/5/1813, é lógico que ao completar este último seus 13 anos, e chegar à adolescência em maio de 1826, seu “*old man*” já estava chegando aos 70, e era bem velho, pelos padrões da época. Søren era, de fato, filho de um velho; só que, em 26/4/1797, ao contrair suas segundas núpcias, com a “*servante*” (na expressão de Jean Wahl) o assim chamado velhote (“*vieillard*”) ainda gozava, se a matemática vale para todos, de seus 40 anos. Ora, quando Søren morreu com 42 anos e meio (em 11/11/55) ninguém o considerava um ancião ou velhote, mas muitos estranharam que

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

morresse tão jovem. (Nem tanto, aliás: 5 dos irmãos faleceram com menos idade!) – Voltando ao caso do pai: tendo vindo para a Capital, pelos 12 anos de idade, depois de uma vida ao ar livre, cuidando de ovelhas, e tendo se dedicado ao comércio de lãs, o que não chega a ser uma atividade estafante, tendo se expandido nas lides de um comércio internacional florescente e enriquecido de forma espantosa, um homem de 40 anos 4 meses e 14 dias não merecia, convenhamos, ser chamado de “velhote” (“*vieillard*”), como se fosse um Abraão deixando morrer Sara e desposando a serva Agar, de baixa condição. Aliás, por rico que fosse, o ex-camponês não era um príncipe, provavelmente não seria reconhecido pela fina flor da sociedade de Copenhague como se fizesse parte da chamada “*bedre Portion*” (“a parte melhor”, como o explica Bruce Kirmmse (1990)), a elite cultural da Capital do Reino. Há que dar, então, um bom desconto à expressão infeliz de Wahl, sobre a falta, o pecado e a miséria deste pai, suposto ser tão espiritualizado, que teria infelizmente cedido à carne de modo vergonhoso. Nos *Études Kierkegaardiens*, escreve ele que Søren Kierkegaard um dia

[...] veio a saber da falta de seu pai e de sua miséria – falta dupla: o jovem pastor nas planícies desoladas elevou sua voz contra Deus, amaldiçoou Deus; e o **velhote** cedeu à carne e desposou **sua empregada**. Duas faltas contra o espírito, da parte daquele que era para ele a encarnação do espírito (WAHL, 1974, p. 8, grifo nosso, tradução nossa)<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> No original: “[...] a appris la faute de son père, et sa détresse – double faute: le jeune pâtre dans la lande désolée a élevé sa voix contre Dieu, a maudit Dieu; et le vieillard a cédé à la chair et a épousé sa servante. Deux fautes contre l’esprit de celui que était pour lui l’incarnation de l’esprit”.

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

Deixemos sem discutir aqui o pecado do pobre garoto, que, sofrendo os rigores do frio e da fome, rebela-se contra um Deus impiedoso, sobe num morrinho e levanta a mão ameaçadora contra o Criador. Melhor nos concentrarmos com prazer naquele pecado da carne, que teria consistido no desposar urgentemente uma criada. Convenhamos que o professor Jean Wahl, ao escrever tal coisa nos idos de 1938, bem pode ter deixado sua censura contaminar-se por algum insidioso preconceito socioeconômico. O “velho” rico e poderoso teria sido obrigado a casar com a empregadinha, já prenha, da falecida. O que seria, porém, pior: um assédio de patrão contra uma empregadinha doméstica indefesa? Nascida em 18/6/68, a “pequena Ane” deve ter engravidado, aos 28 anos e meio, do viúvo Michael quando este completava, em inícios de dezembro de 1796, exatos 40 anos. Ou será que Wahl supõe, subconscientemente, que a vergonha fora ter ido para a cama com uma humilde serviçal, não como “um rei que se apaixona por uma mocinha de condição humilde” (ver a respectiva fábula das *Migalhas Filosóficas*), mas sim como um “velhote” ricaço que voluptuosamente atira-se ao catre de uma pobretona, baixinha e gordinha, de olhos saltados? – Quanta falta de gosto, antiestética e antieconômica, quanta tesão reprimida, quanta libido explodindo tão fora de hora e lugar! No quarto da criada, nem bem passados 9 meses da morte (em 23/3/96), da sempre lembrada Kirstine Nielsdatter, nascida Royen!

Consideremos o contraste com a patroa, que não dera filhos a Michael Pedersen. Haviam casado no mês das noivas, no dia 2/5/94, e estiveram juntos por 22 meses e meio, o que, no ritmo conjugal das segundas núpcias teria permitido ao menos um filho. – Já a sequência dos partos da pequena Ane foi bem diferente: Maren Kirstine, a primogênita,

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

com um dos nomes a homenagear a falecida esposa do pai e antiga patroa da mãe, nasceu aos 4 meses e meio de casados desses, que nem tinham podido esperar o mês das noivas, oficializando a união, com contrato pré-nupcial, aos 26 de abril: é que havia pressa! Após a primogênita, duas outras meninas, num bom ritmo, uma a cada ano ímpar (em 25/10/99 Nicoline Christine e num outro 7 de setembro, o de 1801, Petrea Severine, batizada em homenagem a ambos os avós, paterno e materno). Aí os pais deram um tempo e foram morar fora da Capital com as três meninas. Mas antes de 4 anos, no castelinho rural da família, Peder Christian, o futuro bispo, inicia em 6/7/1805 (ano ímpar) a linhagem masculina. Temos Peder em 1805, Søren Michael em 1807 (23/3, homenageando avô materno e pai) e Niels Andreas em 1809 (30/4). Fechando esta série de três meninos, que harmonizou com as três mocinhas, o sexto filho foi destinado ao comércio, como o pai, e enviado mais tarde à América para exercitar-se no comércio internacional, vindo a morrer porém em Nova Jersey, aos 24 anos, em 1833).

Com três meninas já mocinhas e três garotos pequenos, Michael e Ane deram mais um tempo, ou haviam resolvido parar, e o agora senhor maduro, bem aposentado, e sempre mais rico (apesar de seus esforços contrários), adquiriu por estas alturas um casarão bem no centro da Capital, onde então a família foi surpreendida, quase exatos 4 anos após o nascimento do sexto filho, com a chegada do filhotinho tardio, o serôdio Søren Aabye, aos 5/5/1813. Seu prenome homenageia mais uma vez o avô materno, e o nome do meio um contraparente grã-fino que desapareceu da história. O pequeno Søren parece ter vindo ao mundo meio sem

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

planejamento, já bastante atrasado, e pelo menos serviu de lição para que doravante os pais dessem preferência à educação, mais do que à procriação.

## **ANINHA, A MÃEZONA**

Quando um professor da Sorbonne fala da mãe de um pensador chamando-a de “*servante*” pode estar sendo preconceituoso. Ora, direis, Kierkegaard nunca escreveu uma linha sequer sobre sua mãezinha! – E o que é que isto prova? A mãe da gente não é um assunto pessoal, privado? Para que expô-la à boca das multidões? – É, mas ele talvez a escondesse, por vergonha dela; – ou não! – Mas, dirão ainda, Peder nos conta que ele estava ausente quando ela morreu; é verdade, há que examinar esta questão, na hora adequada. Contudo, perguntamos, por que é que os intérpretes-biográficos não se detiveram sobre a vida dela, a partir dos dados que já existem, em quantidade suficiente? Parece ser uma interessante e instrutiva questão.

Na vida de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, destacam-se três fases: a primeira, de solteira, encerra-se pelos 29 anos de idade: a segunda, dos sete partos bem sucedidos, de 7/7/1797 a 5/5/1813, dura 16 anos; depois, dedicados ao lar e à família, uns 21 anos como mãe de sete, dois dos quais morrem quando ela tem cerca de 50 anos (Søren Michael aos 12 anos, num acidente escolar, em 1819; e Maren Kirstine aos 24 anos, solteira, em 1822). São 67 anos de uma vida bem aproveitada. Primeiro, a pobre e trabalhadora Aninha; a seguir, a cônjuge do comerciante bem sucedido; por fim, a matriarca dos sete filhos, que ainda viu sete (ou 8)

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

netos, de suas filhas, casadas com os irmãos de Peter W. Lund. A imagem que vem à mente é a da galinha rodeada de pintos.

Existe desta última fase um retrato pintado (demonstração burguesa de status) de Ane Kierkegaard, e isto não é um fato banal. Homenagem mais previsível seria que, no batismo, alguma neta tomasse o nome da vó: e de fato, a filha número 3, Petrea Severine (que transmitirá ao quarto filho o nome composto Peter Severin), batizou sua primogênita como Anne Henriette Lund (honrando o nome da avó materna junto ao do pai, Henrik Hansen Lund). Esta, a mais querida sobrinha de nosso pensador, 16 anos mais jovem que ele, ficou conhecida pelo segundo nome. Parece uma personalidade cativante. Sua relação com o tio mereceria ser bem melhor estudada. Estamos sugerindo que teremos muito a aproveitar quando alguém pesquisar as relações altamente positivas e saudáveis de Søren Kierkegaard: com o querido mestre e amigo Poul Martin Møller (da dedicatória fascinada e fascinante do *Conceito de Angústia*); com o companheiro de estudos e fiel amigo de infância Emil Boesen; e com a sobrinha Henriette Lund. A netalhada (Kierkegaard-)Lund era composta, aliás, de 6 meninos e de duas meninas: Sophie Vilhelmine e esta nossa Anne Henriette (“*Jette Lund*”). Voltando à avó Ane (Lund por um outro ramo), diga-se que ela foi sogra de um comerciante de têxteis e de um importante executivo do Banco Nacional. Só não chegou a conhecer nem a primeira, nem a segunda esposa de Peder Christian, e tampouco o neto que veio deste segundo casamento, Pascal Poul.

Anna Henriette tinha 5 anos quando a avó faleceu. Passemos então o quadro, o retrato pintado da esposa do rico comerciante. Vemos aí uma senhora muito bem vestida, gordinha sem ser propriamente obesa. Cabelos

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

escuros e cacheados, olhos firmes que se dirigem direto ao pintor ou ao espectador do quadro, e ao mesmo tempo bondosos, suaves e quase alegres; a boca, suavemente fechada, parece esboçar um sorriso, emanando alegria de viver; o olhar sugere algo da cumplicidade de quem conhece e valoriza as coisas boas da vida. Exteriormente, a figura lembra a personagem da sogra de Mozart, no filme *Amadeus*, a mãe de Constança, mas Ane Sørensdatter é discreta, e não impertinente como aquela que teria inspirado a ária da Rainha da Noite. Não, Ane Kierkegaard parece mesmo uma mulher tranquila, que sabe fazer tudo o que é preciso. Uma mulher que decerto pensa no marido, na casa e nos filhos, e nos netos. Uma mulher feliz, com jeitão de amigona. É gordinha, mas tem pescoço, seu queixo arredondado destaca-se da gola rendada, seu rosto está envolto levemente por uma touca de babado que lhe dá um ar burguês, nada aristocrático: uma senhora burguesa, da primeira metade do século XIX, bem de vida e de bem com a vida, alegre com seus sete filhos e seus oito netos. Quando bem observada, é simpática, embora à primeira vista seus olhos avancem sobre o observador. Fato relevante, sua imagem não mostra nenhuma joia, nem colar, nem brincos, nada (talvez uma marca da tradição pietista?), vemos apenas sua pele macia e arredondada, a testa graúda, e as vestes de tecidos coloridos. Seu único adorno, além das vestes, é o cabelo escuro nos dois ângulos da testa generosa. Uma mãezona, diríamos hoje. Podemos até imaginá-la doente, mas sempre pensando antes nos outros do que nela mesma. Generosa, sem dúvida.

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..



*A mãe do filósofo*

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

Como fora, porém, a infância da pequena Ane? Pelos relatos que chegaram a nós, ela teve uma infância bem pobre e uma adolescência e mocidade de múltiplos serviços. Aproveitemos a descrição que J. Garff nos dá de sua infância e juventude:

Ane nasceu em 18 de Junho de 1768 como a filha mais jovem de Maren Larsdatter e de Søren Jensen Lund, o qual consta ter sido um homem alegre e engraçado [*munter og skjemtsom*] de Brandlund, na Jutlândia central. Possuíam uma vaca e quatro ovelhas e foram além disso abençoados com dois filhos e quatro filhas, das quais uma se chamava Mette e as outras três Ane, Ane e Ane. A escolha dos nomes poderia provocar alguma confusão, e então, para simplificar, chamavam a mais moça de “Aninha” (Pequena Ane). Após sua Confirmação, esta viajou para Copenhague e ficou primeiramente a serviço de seu irmão, Lars Sørensen Lund, que casara com a viúva de um destilador de aguardente e portanto com a destilaria em Landmærket; mas os negócios eram tão miseráveis que Ane em breve se transferiu para a casa de Mads Røyen, de onde em 1794 foi passada adiante [*blev sendt videre til*] ao recém casado Michael Kierkegaard. Com sua família parece que Ane quase não teve mais contatos. Quando sua filha foi batizada, Lars ainda foi um dos padrinhos, porém no batismo da segunda filha o séquito era mais ilustre, e por isso o irmão destilador de aguardente não estava presente. A julgar pelas poucas fontes, ela deve ter sido uma mulher simpática, pequena, redondinha, de ânimo simples e alegre. É verdade que não sabia escrever bem, e precisava de ajuda para assinar documentos oficiais. Talvez soubesse ler um pouco, mas não terão sido leituras profundas, os poucos livros que ela possuía eram os *Salmos e as Rimas Históricas de Hagen para o Ensino das Crianças* (*Hagens Historiske Salmer og Rím til Børnelærdom*) e a *Harpa de Sião, um presente de Natal para a Comunidade Cristã*, de Lindberg (*Zions Harpe – en Jule-Gave til den christne Menighed*) com canções de, entre outros, Kingo, Brorson, Ingemann, Grundtvig e

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

do próprio Lindberg (GARFF, 2000, p. 5s, tradução nossa).

Nos dias de hoje, em que o trabalho infantil e de adolescentes está proibido, não deixaríamos passar em brancas nuvens a questão de saber que tipos de serviços a pequena Ane teve de prestar, primeiro na casa pobre de seu irmão Lars, decerto serviços de limpeza na casa e na destilaria, carregar água, arrumar quarto(s), preparar o alimento, coisas tais. Transferida para a casa de Mads Royen, sócio do pai de S. A. Kierkegaard, o nível econômico subiu bastante, pois os sócios enriqueceram juntos, e eram adultos sem filhos, ocupados somente nos negócios. Ane por certo servia a irmã de Mads, Kirstine, que apesar do dinheiro ia ficando solteirona. Seria graciosa, atraente? Quando esta casou com o sócio Michael P. Kierkegaard, há de ter sido a coisa mais natural a transferência de Ane para o lar da recém-casada. Kirstine, porém, não sobreviveu 2 anos, e não se sabe por quanto tempo esteve doente. Não podemos saber, por conseguinte, se a pequena Ane, agora com uns 26 anos, cuidava da faxina, se preparava e servia as refeições, e se eventualmente servia de enfermeira improvisada ou cuidadora da patroa enferma. É de se supor que ela era de fato um faz-tudo, ao dispor da patroa, dez anos mais velha, e rica. Ane era do interior, da Jutlândia, mas agora já trabalhava em Copenhague havia mais de dez anos. Podemos supor que soubesse tratar bem uma pessoa doente, pois mais tarde, dos sete filhos que lhe nasceram, todos chegaram à idade adulta, com exceção daquele que morreu na escola (fora de casa, longe das vistas da mãe). Cuidados de saúde eram muito importantes, na primeira metade do século XIX, pois a medicina era precária.

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

Quanto ao casal dos patrões da pequena Ane, as relações parecem não terem sido as ideais. Diz Garff que os círculos dos comerciantes eram bastante próximo, de modo que:

[...] ninguém se surpreendeu com o fato de que Michael Kierkegaard em 2 de maio de 1794 se casasse com Kirstine Nielsdatter, a irmã de Røyen. As pessoas achavam que já estava na hora, pois ele já tinha 38 e ela era um ano mais nova. Com um capital próprio de 568 táleres do banco real, Kirstine era um bom partido; contudo, o que os dois sentiam um pelo outro, ninguém sabe; na certidão de casamento anuncia-se apenas o fato nu e cru: “Michael Peter Kiærsgaard, negociante de lãs, e Kirstine Røyen assumiram uma união no dia 2 de maio na Igreja do Espírito Santo”. O casamento durou menos de dois anos. Kirstine morreu em 23 de março de 1796 de uma pneumonia e três dias depois foi enterrada no Cemitério da Assistência (GARFF, 2000 p. 5s, tradução nossa).

Talvez possamos tecer algumas conjecturas sobre a relação do casal a partir dos sentimentos do viúvo que mais tarde, quando se lembrava da falecida, sentia fortes remorsos. Conta P. Mesnard, numa nota de *Le vrai visage de Kierkegaard*:

(1) A morte da primeira esposa é do dia 23 de março de 1796, as segundas núpcias do 26 de abril 1797, o nascimento de Maria Cristina do 7 de setembro de 1797. O remorso do velho comerciante de lãs parece ter seguidamente revestido a face de sua primeira esposa: logo que esta lembrança se impunha a seu espírito, a gente o ouvia então bater no peito, e ele fazia distribuir por intermédio de Mynster grandes somas de

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

dinheiro aos pobres de Copenhague (MESNARD, 1948, p. 64, n. 1, tradução nossa).<sup>6</sup>

Chama a atenção o fato de o remorso do viúvo em relação à falecida se expressar diretamente na forma de uma penitência monetária: doar aos pobres “grandes somas de dinheiro”! Isto parece indicar que o viúvo, recasado e agora cheio de filhos, não se arrependia tanto por ter recomeçado logo sua vida e conseguido realizar seus ideais patriarcais, mas mais provavelmente se arrependia do tipo de relação que mantivera com a primeira esposa. Se o perdão de Deus, ao lembrar da primeira, se ligava a grandes somas de dinheiro dadas em penitência, é lícito e lógico imaginarmos que a culpa se relacionasse também ao dinheiro: que o primeiro casamento ou tivesse sido motivado por interesse econômico (o belo dote da irmã do sócio, talvez o reforço de sua posição nesta sociedade, talvez a ascensão social que tal união prometia), ou então, segunda hipótese, compatível com a primeira, que o viúvo se arrependesse por não ter dado a devida atenção à primeira esposa, tivesse talvez deixado o primeiro casamento acabar infrutífero e curto por um certo desinteresse pela mulher e um cuidado exagerado e unilateral com os negócios lucrativos. Um casamento que fracassa, com a morte da esposa aos 22 meses, sem deixar filho, mas deixando uma boa herança em dinheiro, bem pode provocar remorsos, até pela comparação com os bons resultados em termos familiares na segunda união. O segundo casamento não visou à riqueza de

---

<sup>6</sup> No original: “La mort de la première femme est du 23 mars 1796, les secondes noces du 26 avril 1797, la naissance de Marie-Christine du 7 septembre 1797. Le remords du vieux bonnetier semble avoir souvent revêtu le visage de sa première épouse: lorsque ce souvenir s’imposait à son esprit, on l’entendait alors battre sa coulpe, et il faisait distribuer par Mynster de fortes sommes d’argent aux pauvres de Copenhague”.

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

Ane, pelo contrário, mas foi rico, muito rico em filhos, saúde e tranquilidade doméstica. Uma mulher simples e forte, que consegue educar, sem grandes luzes intelectuais próprias, sete filhos, sem perder nenhum nos primeiros dez anos de vida, naqueles tempos, era uma fortuna toda especial.

Nem podemos esquecer que Michael P. Kierkegaard agora largara o comércio, vendera a loja a seus parentes, e podia (aposentado após 30 anos de trabalho) dedicar-se aos assuntos de moradia, de educação intelectual, de escolaridade para os filhos (tal como ele próprio não tivera), colocando-os nas boas escolas da capital, enviando um ao exterior, e conseguindo dois filhos “doutores”: um bispo importante e um pensador mundialmente conhecido. Michael Pedersen tinha agora tempo para comprar casa no campo e depois no centro da cidade, além de ter podido dar uma boa ajuda aos irmãos da Jutlândia, em termos imobiliários. Tinha tempo para a mulher, apesar da distância intelectual que se alargava entre os dois, ela cuidando da casa e da prole e ele com tempo para longas discussões com seu pastor (depois bispo) Mynster, uma das principais cabeças da Capital, da Igreja e do Reino. Com tempo e dinheiro, podia ler e estudar à vontade, desenvolver sua inteligência privilegiada, e ainda relacionar-se com a família Lund, casando duas de suas filhas com dois dos três irmãos Lund, gente importante, em termos econômicos e universitários. E todo o tempo ele tinha a esposa Ane cuidando das crianças: situação patriarcal e idílica, que decerto lhe provocava remorsos, à lembrança de seu primeiro casamento. – Detalhe importante sobre a nova relação conjugal deste comerciante que tanto valorizara o vil metal: já em 1802, antes até do nascimento dos filhos varões, o paizão redigiu um

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

testamento agora bem mais generoso (“*mão-aberta*”) para com a mãe das meninas do que o fora o contrato pré-nupcial.<sup>7</sup>

Para concluir este ponto: se Pierre Mesnard tem razão aqui, o dinheiro dado em penitência (“fortes sommes d’argent aux pauvres de Copenhague”) estaria relacionado diretamente à lembrança do casamento frustrado, mais que à dramática cena de revolta contra Deus do pastorzinho da Jutlândia. Se realmente intervinha a lembrança da falecida, então as grandes somas de dinheiro não seriam, não em primeiro lugar, para devolver ao Deus ofendido pelo menino faminto o dinheiro que o Todo-poderoso lhe estaria agora concedendo sadicamente, enquanto preparava a terrível vingança de sua divina ira. Conclusão que se pode tirar deste contexto é que a casa dos Kierkegaard, com sua abelha-rainha, alegre e saudável, foi na verdade, por mais de trinta anos, apesar das excentricidades (comuns, aliás, a outras muitas famílias, como a dos Lund) um lar bastante normal, saudável, promissor, por certo barulhento, com moças ajuizadas e meninos que brigavam como irmãos, e um caçulinha mimado (criado por quatro mulheres – o dobro de Da Vinci: mãe e três irmãs com mais de 12 anos de diferença dele – e de resto nem discutimos se havia ainda alguma babá ou outra “*servanté*” nesta casa), um caçula irritadiço, implicante, e que se grudava amuado à saia da mãe quando não lhe faziam as vontades<sup>8</sup>. Apelido: “o garfinho”, ou “o forçado”! Se uns comentadores lembram de Isaac prestes a ser sacrificado pelo idoso Abraão, para pintar a situação de Søren, por que não poderíamos aproximar este caçula da figura de José,

<sup>7</sup> “Da pater familias i 1802 skrev testamente, var han da også langt mere rundhåndet end i ægtepagtens tid.” (GARFF, 2000, p. 6.)

<sup>8</sup> Um testemunho sobre sua infância: “As usual, Søren sat in a corner and sulked” (KIRMMSE, 1996, p. 3).

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

filho de Raquel, serrana bela, como o preferido e mimado do pai Jacó, a provocar ciúmes nos irmãos mais velhos (como se lê na versão de Thomas Mann de *José e seus irmãos*)?

## **A MÃE DA PROLE BRILHANTE**

Só na década de 30, vinte anos após o nascimento do filósofo, é que o idílio dará ares de hecatombe: até então, só havia falecido um mano, num acidente escolar, e a primogênita, solteira, aos 24 anos; sobravam, pois, 5 irmãos, um dos quais iria preparar-se para o comércio exterior nos Estados Unidos, vindo a morrer em Nova Jersey, em 1833. As outras duas moças estavam casadas, mas Nicoline Christine morreu no mesmo ano de 1833, aos 32 anos, deixando órfãos (por pouco tempo) 4 netos de Michael P. Kierkegaard. O ano de 1834 é também inclemente: falecem a mãe, Ane (aos 67 anos, o que não é pouca coisa), e Petrea Severine (com 33 anos e 4 filhos saudáveis, três dos quais chegarão vivos ao século XX e o outro não chegou porque morreu na guerra contra Bismark). Na noite em que a mãe morreu, Søren estava ausente, temos de analisar o fato.

Falecendo em 1834, Ane foi poupada de passar pelo drama que parece (conforme Hirsch (2006, p. 116ss)<sup>9</sup> e Mesnard (1948, p. 63s)) ter abalado e derrubado seu viúvo: Peder Christian casa, na flor da idade (31 anos) com Elise Marie, no dia 21/10/1836, e esta vem a falecer justos nove meses depois, aos 18/7/37, sem deixar filho! Parece que a morte da nora

---

<sup>9</sup> Verificar no anexo da obra em que este autor interpreta o famoso “tremor de terra” (*Das Erdbeben*).

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

foi a gota d'água para o (agora sim) velho Kierkegaard, octogenário, que deve ter feito então aquelas cenas de desespero que tanto impressionaram e influenciaram os dois filhos sobreviventes. Ele veio a falecer no ano seguinte, 1838, aos 82 anos, – mas reconciliado com o caçula de 25 anos, que se havia afastado dele e depois se reencontrado consigo e com seu velho em 1838 (ano da morte também do querido professor Poul Martin Møller).

Mais moço que as três meninas, e após um interregno de 4 anos, Peder Christian era o mais velho dos irmãos, nascido em 6 de Julho de 1805. Seus manos eram 2 e 4 anos mais moços, o caçula inclusive quase 8 anos mais jovem. Primeiro universitário da família, estudioso, com vocação eclesiástica, tinha uma relação bastante tensa com o caçula genial e voluntarioso, irônico e satírico. Peder era um homem sério, ou queria sê-lo, seguia as ideias de Grundtvig, o grande líder religioso popular do interior dinamarquês, enquanto que o caçula valorizava mais os sermões de Mynster, pregador da Corte, na Capital. Por três vezes, ao menos, Peder distanciou-se publicamente de seu problemático irmão, o que levou este (nas *Obras do Amor*, de 1847) a tratar de modo criativo, irônico e compassivo ao mesmo tempo, a cena do olhar misericordioso de Cristo para Pedro (que o negara três vezes no Sinédrio): pois Cristo olha para o discípulo fanfarrão de horas antes e pensa: “*Peder er Peder*” (“O Pedro é o Pedro”), aquele que todos conhecem, com qualidades e defeitos, com sua covardia e seu bom coração, melhor perdoá-lo. O detalhe curioso é que o pensamento de Jesus não se expressa nos termos bíblicos que diriam “*Petrus er Petrus*”, mas mencionam logo “*Peder*”, tal como *Peder Christian*...<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> *As Obras do Amor* (2005, p. 201), primeira parte, cap. IV: “O amor de Cristo por Pedro era desta forma ilimitado; ao amar Pedro, ele realizava perfeitamente o amar aquele homem

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

Lemos nos *Encounters with Kierkegaard*, tão bem organizado e traduzido por B. Kirmmse, uma entrada dos Diários deste irmão mais velho, de fins de Julho de 1834, que, redigida secamente, cheira a ressentimento em relação ao “filho pródigo”.

Apesar do fato de não haver realmente nenhuma melhora significativa com nossa Mãe, Sören finalmente partiu para Gilleleje no dia 26 [de Julho] a fim de passar duas semanas por lá para cuidar da saúde dele. ... Na manhã de quarta-feira, dia 30, as coisas ficaram significativamente piores para a nossa Mãe, de modo que eu temia um ataque. Um dos empregados do escritório de Christian Lund foi mandado a Gilleleje atrás de Sören, mas ele só pôde chegar em casa na manhã seguinte (KIRMMSE, 1996, p. 142, tradução nossa).<sup>11</sup>

Pelo visto, Sören havia deixado a mãe doente e partido no sábado anterior para a sua praia favorita, lá onde ele pensava e meditava solitário sobre o sentido da vida. Fora por duas semanas, para recuperar sua saúde. Aos 21 anos, já havia cursado 7 semestres na Universidade, tivera mestres como Møller, Sibbern, Clausen e Martensen, andava lendo Platão e Hegel, e, na metade do 4º. ano da Faculdade, considerava-se cansado ou

---

que vemos. Ele não dizia: ‘Primeiro Pedro precisa modificar-se, e se tornar uma outra pessoa, antes que eu possa amá-lo de novo’; não, exatamente ao contrário, ele dizia: ‘O Pedro é o Pedro, e eu o amo; se algo pode ajudá-lo a se tornar um homem diferente, é justamente o meu amor que deve fazê-lo. Portanto, ele não rompeu a amizade...’. Na SKS, Bd. 9, p. 172: “han sagde: Peder er Peder, og jeg elsker ham”.

<sup>11</sup> “Despite the fact that there was really no significant improvement with Mother, Sören finally set out for Gilleleje on the 26<sup>th</sup> [of July] in order to spend two weeks there for the sake of his health. ... On the morning of Wednesday the 30<sup>th</sup> [of July] things were significantly worse with Mother, so that I feared a stroke. One of Christian Lund’s office employees was sent to Gilleleje after Sören, but he could only come home the next morning” (KIRMMSE, 1996, p. 142).

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

adoentado, merecedor de algum repouso. Será que a mãe, doente também, o impediria de ir descansar, a 50 km de distância? Imaginamos que ela fizesse sempre todas as vontades do filhote caçula. Não o impediria agora de aproveitar duas semanas ao ar livre, andando pelo norte da ilha, em contato com a natureza, longe da Capital e da Universidade, distanciado dos livros que ela conhecia tão pouco, das línguas como o Latim, o Grego e o Hebraico, dos pensamentos difíceis de Schelling, Hegel e Schleiermacher, dos livros da Bíblia que ela respeitava o quanto podia, e ele lia tanto e com tanto proveito, enfim, dos sermões dos pastores da Capital, que ele aprendia de cor e depois anotava. Como impedir que o seu menino fosse cuidar de sua saúde? Ele não amaria sua velha mãe, só por causa disto? Ela com 67 anos, ele com apenas 21, a juventude precisa afinal de ar fresco...

Mas ela piorou, Peder mandou um empregado do cunhado chamar o irmão caçula, este veio decerto correndo, mas o mensageiro partira na quarta-feira e naquela noite a mãe expirou, às 22:30. Søren chegou na manhã seguinte! Será que isto prova que ele era desalmado, que não amava sua mãezinha, que esta nada representava para ele, que ele só tinha olhos para o velho pai, rico e inteligente, e que ignorava a mãe, singela e doméstica? Aos olhos do irmão mais velho, talvez ciumento das liberdades que esta concedia ao “geniozinho”, sem dúvida. Mas também para estes casos existe a imagem bíblica do pai do filho pródigo, com sua réplica final ao mais velho, tão instrutiva!

Parece, salvo engano, que Søren não ficou de fato traumatizado por só ter podido despedir-se dela cinco dias antes de sua morte, em bom acordo com ela (pois não há nenhum registro de crise entre eles, ao contrário do caso do pai), e por ter corrido para junto dela ao receber a

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

notícia da piora do seu estado de saúde, tendo chegado entretanto algumas horas atrasado, podendo participar ainda do seu funeral. Sua relação com a mãe não era traumática, em nenhum momento ele mostra alguma vergonha por ter uma mãe menos instruída: as mães não precisavam dessas coisas, naquela época, seus dons naturais e pessoais lhe bastavam. Temos o direito de supor que a relação com a mãe era, antes de mais nada, uma relação normal, sadia, saudável. Se nada escreve sobre Ane Sørensdatter, escreveu passagens belíssimas sobre as mães, em geral.

Ele trazia consigo o nome do avô materno: ela era Sørensdatter, a filha de Søren, e ele era outro Søren, “Severino” porém alegre e brincalhão, grande gozador, como o pai dela, cujo prenome ele imortalizou. Se o avô materno (a quem pessoalmente ele não conheceu) era de fato um brincalhão, um gozador, um pândego, nosso pensador, premido entre a melancolia doentia do pai e a alegre vivacidade da mãe, buscou no estudo e na prática do “humor” uma saída ou salvação, talvez orientação para sua realização pessoal. Ironia, humor e fé são atitudes subjetivas ou concepções que dão um sentido à existência. Passou anos na Faculdade a pesquisar o tema do “*humour*”, em Shakespeare e Lessing e outros; seu pseudônimo mais produtivo se declara um “humorista”; e se a *Dissertação* se restringiu a tratar da ironia sem abarcar o humor, foi porque seu querido mestre Poul M. Møller no leito de morte mandou dizer ao jovem Søren que não se estendesse demasiado, pois isto já lhe fizera mal.

Ora, Søren conseguiu entregar a *Dissertação* sobre a ironia de Sócrates e a dos românticos, não sem rematá-la remetendo ao humor sardônico, gargalhante, numa frase absolutamente satírica, de intriga infernal: “Quem quiser agora estudar o humor, que leia a recensão

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

(elogiosa) que o Professor Martensen (Membro da Banca), fez dos *Novos Poemas* de Heiberg”. Heiberg estava presente no auditório na hora da defesa, com direito a perguntas, e Jon Stewart explica que o poema principal da elogiada coletânea trata de um burguês que após a morte acaba batendo às portas do Inferno, e o Capeta o informa que ali ele teria condições semelhantes às da vida na Capital, mas que na biblioteca lá de baixo estava condenado a ler as obras imensas e inacabadas do Professor Sibbern (Orientador da tese e Presidente da Banca). – Se uma sátira de tal potencial explosivo não combina, de modo algum, com a seriedade sisuda, casmurra, tristonha, rabugenta e constipada dos Kierkegaard, nem de Michael, nem do Bispo Peder (com o nome do avô paterno), somos levados a deduzir que estaria ao menos mediada pela verve dos Lund das charneças da Jutlândia (celebradas no Caput 5 do *Conceito de Angústia*), dos “Severinos” da família: a graça, o riso, o gracejo e a sátira deveriam ser as contribuições genéticas dos Søren e da mãe Sørensdatter...

Destacando-se da velha caricatura do desesperado e melancólico dinamarquês, já vem aparecendo atualmente, nas pesquisas sobre (obra e vida de) Kierkegaard, uma nova imagem, a do pensador engraçado, brincalhão, a de um humorista que diverte o leitor ao mesmo tempo em que o edifica.<sup>12</sup> Poder “ter sempre o riso ao seu lado”, é o pedido/desejo

---

<sup>12</sup> Vale a pena citar literalmente o desafio do autor da antologia sobre o humor de Kierkegaard, Thomas C. ODEN (2004, p. 4s): “Bundle together any other ten philosophers who have made a major impact in the history of philosophy. I challenge any reader to assemble a selection of humor from all of them put together that is funnier than what you find in this volume of Kierkegaard. / Until this challenge is answered successfully, I provisionally declare Søren Aabye Kierkegaard (despite his enduring stereotype as the melancholy, despairing Dane) as, among philosophers, the most amusing. Just think of the frail, awkward, crippled Magister Kierkegaard actually being entered into Guinness’ World Book of Records! He might also be the world’s funniest psychologist and

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

engraçado e abençoado pelos deuses (que explodem em risadas ao escutá-lo), expresso no último dos *Diapsalmata*, em *Ou/Ou I*. Se Søren Kierkegaard não puxou isto ao pai, pode muito bem tê-lo recebido da herança materna. É uma autêntica possibilidade! Viva então a pequena Ane Sørensdatter Lund, pobre camponesa do interior da Jutlândia e criadinha doméstica, mãe de um dos maiores psicólogos que já viveram, e viva o seu humor, e seu atestado bom-humor, que decerto equilibrou, completou, e locupletou uma personalidade tão rica e tão complexa, que tanto consegue ensinar-nos, edificar-nos e nos divertir!

Enfim, para concluir por onde começamos: o intuito deste artigo não era deduzir, no mesmo método biográfico-psicologizante de Brandes, ideias de Kierkegaard a partir das outras influências caseiras, agora da linhagem materna, mas sim apenas sugerir certas correções e algumas pistas novas para relativizarmos aquela interpretação que joga unilateralmente sobre o velho pai toda uma tristeza e melancolia, uma angústia e um desespero que este teria transmitido a Søren. O conceito kierkegaardiano de “seriedade”, há meio século analisado por M. Theunissen, equilibra preocupações e brincadeiras; seu conceito de angústia é algo de positivo para a liberdade; o desespero é superável pela fé (e até, provisoriamente, pelo humor), enquanto que a melancolia, com a contraparte de maníaca leviandade, pode tornar-se, tal como a ironia estudada na tese de 1841, um “momento dominado”. – É claro que a mentalidade alegre e saudável de sua mãe há de ter contribuído para este exitoso equilíbrio de personalidade,

---

the world's funniest theologian, but I do not wish to exaggerate”. Numa linha semelhante parece ir o livro *The Laughter In on My Side* de R. POOLE e H. STANGERUP (1989).

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

por mais que seja dele o mérito da escolha de si-mesmo, fundada transparentemente no poder que o estabeleceu.

## REFERÊNCIAS

BRANDES, Georg. **Nietzsche**: Un ensayo sobre el radicalismo aristocrático. Traducción de José Liebermann. México: Sexto piso, 2004.

GARFF, Joakim. **SAK. Søren Aabye Kierkegaard**: En Biografi. København: Gads Forlag, 2000.

HIMMELSTRUP, Jens (Udg.). **Søren Kierkegaard**: International Bibliografi. København: Nyt Nordisk Forlag – Arnold Busk, 1962.

HIRSCH, Emanuel. **Kierkegaard-Studien**, Band 1. (Gesammelte Werke 11.) Waltrop: Spinner, 2006. (Neu herausgegeben und eingeleitet von H. M. Müller. – Reprodução dos originais de 1930-33).

JASPERS, Karl. **Psicopatología General**. Traducción de la 5a. ed. alemana por Roberto Saubinet y Diego Santillan. Buenos Aires: Bini, 1950.

\_\_\_\_\_. **Psychologie der Weltanschauungen**: Fünfte, unveränderte Auflage. Berlin-Göttingen-Heidelberg: Springer 1960. (1919)

KIERKEGAARD, Søren A. **O Conceito de Ironia constantemente referido a Sócrates**. Tradução de Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Migalhas Filosóficas**: ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus. Tradução de Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1995. (Ou: Tradução de José Miranda Justo. Lisboa: Relógio D'Água, 2012.)

\_\_\_\_\_. **In Vino Veritas**. Tradução de José Miranda Justo. Lisboa: Antígona, 2005.

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

KIERKEGAARD, Søren A. **Ou – Ou: Um Fragmento de Vida (Primeira Parte)**. Tradução de Elisabete M. de Sousa. Lisboa: Relógio D'Água, 2013.

\_\_\_\_\_. **Ou – Ou: Um Fragmento de Vida (Segunda Parte)** Tradução de Elisabete M. de Sousa. Lisboa: Relógio D'Água, 2017.

\_\_\_\_\_. **As Obras do Amor: Algumas considerações cristãs em forma de discursos**. Tradução de Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Ed. Univ. São Francisco, 2005.

\_\_\_\_\_. **Diapsalmata**. Tradução, Notas e Posfácio de Nuno Ferro e M. J. de Carvalho et al.. Lisboa: Assírio & Alvim, 2011.

\_\_\_\_\_. **Do Desespero Silencioso ao Elogio do Amor Desinteressado: Aforismos, novelas e discursos de Søren Kierkegaard**. Tradução de Álvaro Valls. Porto Alegre: Escritos, 2004.

KIRMMSE, Bruce. **Kierkegaard In Golden Age Denmark**: Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1990.

KIRMMSE, Bruce (Org.). **Encounters With Kierkegaard: A Life as Seen by His Contemporaries**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1996.

KJÆR, Grette. **Den Gådefulde Familie: Historien bag det Kierkegaardske Familiegravsted**. København: Reitzels Boghandel, 1981.

MALIK, Habib C. **Receiving Søren Kierkegaard: The Early Impact and Transmission of His Thought**. Washington D.C.: The Catholic University of America Press, 1997.

MESNARD, Pierre. **Le Vrai Visage de Kierkegaard**. Paris: Beauchesne, 1948.

ODEN, Thomas (Org.) **The Humour of Kierkegaard: An Anthology**. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2004.

**Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)**

VALLS, Alvaro L. M..

POOLE, Roger & STANGERUP, Henrik (Org.). **The Laughter Is on My Side: An Imaginative Introduction to Kierkegaard**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1989.

STEWART, Jon. **A History of Hegelianism in Golden Age Denmark**. Tome I. The Heiberg Period: 1824-1836. Copenhagen: SKRC/Reitzel, 2007.

THEUNISSEN, Michael. **Der Begriff Ernst bei Sören Kierkegaard**. Freiburg/München: Alber, 1978. (Com a dedicatória: “Meiner Mutter”!)

VERGOTE, Henri-Bernard. **Sens et repetition: Essai sur l'ironie kierkegaardienne**. Tomes I et II. Paris: Cerf/Orante, 1982.

WAHL, Jean. **Études Kierkegaardienes**. 4e. édition. Paris: Vrin, 1974.